

**UM ESTUDO DE VARIAÇÃO LEXICAL EM LIBRAS ENTRE SURDOS
RESIDENTES DA REGIÃO METROPOLITANA DE SÃO LUÍS,
MARANHÃO**

A STUDY OF LEXICAL VARIATION IN LIBRAS AMONG DEAF PEOPLE IN THE
METROPOLITAN REGION OF SÃO LUÍS, MARANHÃO

Wendel Silva dos Santos | [Lattes](#) | wendel.silva@ufma.br

Universidade Federal do Maranhão

Renan Pires Azevedo | [Lattes](#) | renan.pires@discente.ufma.br

Universidade Federal do Maranhão

Resumo: Partindo-se da compreensão de que as línguas de sinais atravessam processos de variação e mudança linguística próprios das línguas naturais, esta pesquisa analisa a variação lexical para *camaleão* na Libras, produzida nas cidades de São Luís, São José de Ribamar, Raposa e Paço do Lumiar, todas no Maranhão. O aparato teórico-metodológico é o da Sociolinguística Variacionista (Labov, 2008[1972]), da Dialetoлогия (Cardoso, 2010) e dos estudos sobre a língua de sinais (Stokoe, 1960; Quadros; Karnopp, 2004). Discute-se que a variedade sociolinguística do português maranhense já vem sendo sistematicamente descrita, mas que o mesmo não ocorre com a variedade da língua de sinais utilizada por maranhenses. De cada uma das localidades foram recrutados um homem e uma mulher, totalizando 08 surdos entrevistados, todos com ensino médio completo e fluentes em Libras. Os resultados revelam que os informantes apresentaram bastante variação na sinalização de camaleão, de maneira que não se permite afirmar que se tratam de variantes de uma mesma variável, nos termos de Labov (2008[1972]) e nem as distintas realizações para o mesmo item lexical denominados de *classificadores* (Quadros; Karnopp, 2004). Acrescenta-se que, para uma definição a favor de um ou outro termo, faz-se necessária a ampliação do número de participantes, para que se obtenha um retrato mais fiel da realidade sociolinguística das comunidades analisadas. Isso evidencia a importância de que estudos sociolinguísticos mais sistemáticos, que se voltem para a análise de produção linguística em Libras, precisam ser desenvolvidos.

Palavras-Chave: Libras. Variação Lexical. Sociolinguística. Maranhão.

Abstract: Starting from the understanding that sign languages undergo processes of variation and linguistic change similar to natural languages, this research analyzes the lexical variation for “chameleon” in Libras (Brazilian Sign Language), produced in the cities of São Luís, São José de Ribamar, Raposa, and Paço do Lumiar, all in Maranhão. The theoretical-methodological framework used includes Variationist Sociolinguistics (Labov, 2008 [1972]), Dialectology (Cardoso, 2010), and studies on sign language (Stokoe, 1960; Quadros; Karnopp, 2004). It is discussed that the sociolinguistic variety of Maranhão Portuguese has already been systematically described, but the same does not apply to the variety of sign language used by people from Maranhão. One man and one woman were recruited from each locality, totaling eight deaf participants interviewed, all with completed high school education and fluent in Libras. The results reveal that the informants showed a lot of variation in the signing of “chameleon” to the extent that it is not possible to affirm that they are variants of the same variable, in Labov’s terms (2008 [1972]), nor are the different realizations for the same lexical item called classifiers (Quadros; Karnopp, 2004). It is added that in order to decide in favor of one term or another, it is necessary to increase the number of participants to obtain a more accurate picture of the sociolinguistic reality of the analyzed communities. This highlights the importance of more systematic sociolinguistic studies focusing on the analysis of linguistic production in Libras that need to be developed.

Keywords: Brazilian Sign Language. Lexical Variation. Sociolinguistics. Maranhão.

Introdução

Ao longo da história da sociedade é visível o fato de que os surdos tiveram seus direitos cerceados, incluindo-se a compreensão de que se comunicam efetivamente, uma vez que, desde os primórdios da organização dos homens em sociedade, eram reconhecidos como indivíduos desprovidos de pensamento. Honora e Frizanco (2011) explicam que tal atribuição se dava porque, por muito tempo, o mundo só era visto a partir da comunicação realizada por meio da oralidade, e que, enquanto pensadores como Aristóteles atribuíam à fala o poder de cognição do ser humano e de articulação do pensamento, outros, como Charles L’Épée, já previam que a adoção de uma linguagem baseada em sinais e gestos facilitaria, por exemplo, o ensino de francês, possibilitando, assim, o desenvolvimento cognitivo e comunicativo dos surdos.

Com as profundas mudanças pelas quais vêm passando as sociedades de um modo geral, a inclusão de grupos historicamente excluídos dos debates sociais, a exemplo do

reconhecimento dos direitos das pessoas surdas, levou à necessidade de uma legislação que tratasse dessa temática. Assim, a partir da promulgação da Lei nº 10.436/2002, que advoga sobre a Língua Brasileira de Sinais (daqui em diante, Libras), na qual o sistema linguístico é de natureza visual-motora, transmitindo ideias e fatos por meio de sua própria estrutura gramatical, houve uma grande mudança na percepção da língua de sinais, pois efetivou-se o reconhecimento legal da forma de comunicação da comunidade surda. Essa lei é regulamentada pelo decreto nº 5.626/2005, que apresenta a conceituação da surdez, bem como a diferenciação entre surdez e a deficiência auditiva. Também discorre a favor da inclusão da disciplina obrigatória de Libras nos cursos de formação de professores, contribuindo sobremaneira para o uso e a difusão da Libras não apenas nos espaços de produção de conhecimento, mas também na sociedade de modo geral.

Assim, a compreensão da Libras como uma língua viva, e, como toda língua natural, atravessada por variação, um fato universal dos sistemas linguísticos, é que se chega à urgência da promulgação e regulamentação da lei da Libras, língua representativa dos seus usuários, indivíduos diferentes que compartilham características linguísticas próprias de sua comunidade. Esse compartilhamento de regras evidencia a heterogeneidade estruturada nesse sistema linguístico, tal como se observa nas línguas orais, ainda que se diferenciem, especialmente no que tange ao canal de comunicação e recepção¹. Desse modo, há uma sistematicidade que deve ser objeto de interesse de áreas de pesquisa como a sociolinguística.

Além disso, o estudo da variação em uma língua como a Libras se impõe como um desafio, por tratar-se de um sistema linguístico cuja descrição não apresenta ampla tradição nos estudos linguísticos (Quadros, 2012). Ademais, como bem afirmam Xavier e Barbosa (2017, p. 987), o desafio de se descrever uma língua como a Libras é ainda maior quando se pensa que “há uma evidente falta de clareza quanto a natureza dessa variação [...]: idioletal, estilística, socioletal, dialetal”.

É no contexto dessa discussão inicial que este artigo traz resultados para a variação lexical, no que diz respeito à sinalização do termo *camaleão*, realizada por 8 indivíduos surdos da ilha de São Luís, Maranhão, incluindo as cidades de São Luís, São José de Ribamar, Raposa e Paço do Lumiar (vide figura 1, a seguir). Apoiar-se na teoria da variação e mudança linguística (Labov, 2008[1972]; Eckert, McConnell-Ginet, 1992), com o interesse de descrever os fatos linguísticos no espaço geográfico abaixo demonstrados,

¹ Enquanto as línguas orais são recebidas pelos ouvidos e produzidas pelo aparelho fonador (oral-auditivo), as línguas de sinais são percebidas pelos olhos e produzidas pelas mãos (visual-motor; visual-espacial ou gestual-visual).

bem como no tempo em que ocorrem (Cardoso, 2010; 2016), o que justifica o alinhamento deste estudo às orientações metodológicas da Dialetoologia.

Figura 1: Imagem da Região Metropolitana da Ilha de Upaon-Açu



Fonte: IPEA (2014, p. 11).

Além do fato de carecer de maior descrição, a realização de tal trabalho se justifica porque se entende que o estudo da variação lexical em Libras, como a aqui proposta, contribui para a compreensão de como funciona esse sistema linguístico. Metodologicamente, incorpora avanços para o estudo do léxico dessa língua, gerando impactos importantes para a investigação da variação lexical na produção do sinal, a unidade conceitual semântica das línguas de sinais. Especialmente, avança ao aplicar modelos teórico-metodológicos tão consolidados nos estudos de línguas oralizadas, como o modelo do estudo da variação e da mudança linguística proposto por Weinreich, Labov e Herzog (2006[1966]), ao estudo de línguas de sinais².

Além do objetivo geral acima elencado, este estudo possibilita, de maneira prática, descrever a variação na sinalização para o item lexical em questão, ao observar se há diferenças nas sinalizações realizadas pelos homens e mulheres participantes da pesquisa, bem como verificar se a percepção na variação desses sinais configura-se como distintas maneiras de referir-se ao mesmo elemento, no sentido de variantes de uma mesma variável (Labov, 2008[1972]), ou se se tratam de produções de sinais diferentes. Ou seja, interessa verificar se as diferentes maneiras de sinalização para o mesmo item lexical cum-

² É bem verdade que tal modelo teórico-metodológico já vem sendo utilizado por pesquisadores, a exemplo de Lucas (2004), que estuda a sociolinguística das línguas de sinais. De todo modo, como bem afirmam Xavier e Barbosa (2017), essa trajetória ainda carece de mais contribuições. É o que se pretende com este trabalho.

prem os requisitos que levam ao entendimento do que se propõem para o estabelecimento das variantes de uma mesma variável: i) são intercambiáveis no mesmo contexto e; ii) mantém o mesmo significado referencial/representacional (Coelho et al, 2015, p. 17).

O artigo está organizado do seguinte modo: na primeira seção, discute-se brevemente a variação linguística na Libras, bem como a abordagem dos estudos de variação, especialmente o nível de variação lexical, além de revisão de literatura sobre estudos que se ocuparam do mesmo fenômeno. Os procedimentos metodológicos adotados para a realização da pesquisa são apresentados na seção intitulada Método da Pesquisa. A seção Resultados e Análises, por sua vez, traz as análises obtidas a partir dos resultados alcançados. O artigo se encerra com a apresentação das referências movimentadas ao longo do estudo.

A Variação Linguística na Libras

Os estudos linguísticos que compreendem as línguas como fontes naturais para processos de variação e mudança surgiram, sobretudo, como uma resposta ao entendimento linguístico-científico, vigente até a década de 1960, de que a ciência linguística instaurada por Saussure, no início do século XX, deveria se interessar, primordialmente, por um falante-ouvinte ideal, numa comunidade de fala completamente homogênea (Chomsky, 1975). Essa concepção de língua, que não considera os aspectos sociais, começou a ser duramente criticada especialmente pela sociolinguística, área dos estudos linguísticos que recorre às informações extralinguísticas dos usuários da língua para explicar a variação e a mudança por que passam cada uma delas.

A área dos estudos em sociolinguística avança quando, de uma forma mais sistemática, busca evidenciar quais aspectos linguísticos e sociais são relevantes para a explicação da variação e das mudanças que ocorreram, bem como as possíveis mudanças que possam ocorrer na língua (cf. Martelotta, 2011). As pesquisas em sociolinguística pensam a língua como “uma instituição social e, portanto, não pode ser estudada como uma estrutura autônoma, independente do contexto situacional, da cultura e da história das pessoas que a utilizam como meio de comunicação” (Martelotta, 2011, p. 141), revelando, portanto, a necessidade de que os usos de todos os indivíduos que fazem parte da denominada comunidade sejam igualmente descritos.

A teoria da variação e da mudança linguística (Labov, 2008[1972]) será abordada no sentido de possibilitar a discussão de que as sinalizações feitas pelos participantes da pesquisa são fruto da variação própria da língua de sinais, em sua correlação sistemáti-

ca com as informações sociais dos usuários dessa língua, especialmente o sexo/gênero desses indivíduos, bem como a localidade em que estão inseridos (São Luís, São José de Ribamar, Paço do Lumiar e Raposa).

Por sua vez, a proposta de abordagem dialetológica do estudo se dá, especialmente, entendendo que a dialetologia proporciona a identificação da “variedade que uma língua apresenta” em seu plano espacial (Cardoso, 2016, p. 14), evidenciando, diatopicamente, que os usos revelam distinções entre localidades, assim como a sociolinguística variacionista entende que a realização de certas variantes, para a mesma variável, não se explicam/justificam do ponto de vista geográfico, apenas, mas estão estritamente correlacionadas a informações sociais dos usuários de uma determinada variedade linguística³.

Na esteira da discussão a respeito da noção de comunidade que melhor aborda os interesses dos estudos de variação em Libras, Azevedo (2023, ms) propõe a ampliação desse debate, para se estabelecer uma noção de comunidade que englobe os estudos de variação sociolinguística em Libras. Isso quer dizer que se deve partir da discussão em torno do conceito de comunidade de fala, aqui entendida como “um grupo unido por valores comuns associados ao uso da língua”, da noção de comunidade de práticas, proposta por Eckert e McConnell-Ginet (1992, p. 490), que se refere a “um agregado de pessoas que se reúnem em torno de um engajamento mútuo em algum esforço comum”, bem como do conceito de comunidade surda (Perlin, 1998, p. 12), tomada como “um grupo que habita uma região determinada, marcado por características específicas, porém não isolado, vivendo no meio de pessoas ouvintes que são maioria. Nestas características entram os aspectos antropológicos: história, língua, cultura e arte”.

O trabalho, cujo desenvolvimento é aqui apresentado, coaduna-se com a noção de comunidade de prática proposta por Eckert e McConnell-Ginet (1992), por compreender que essa proposta acolhe mais coerentemente as comunidades surdas, comparativamente à compreensão de comunidades de fala, em que esses mesmos indivíduos compartilhariam o conhecimento de regras socialmente impostas para a conduta e a interpretação da fala, o que requer o conhecimento de, pelo menos, uma forma de fala (Gumperz, 1972; Hymes, 1974). Além das abordagens expostas, cabe a necessidade da compreensão de comunidade surda, que parece não incluir os usos linguísticos pelos surdos. Procura-se, portanto, adotar a proposta de Eckert e McConnell-Ginet (1992, p. 8) para a noção de comunidades de prática, uma vez que, ao contrário da noção de comunidade de fala, entende-se que os usuários de uma língua se agregam “em torno do engajamento mútuo

³ Informações sociais dos participantes da presente pesquisa estão detalhadas no tópico *Método da Pesquisa*, a seguir.

em algum empreendimento comum. Modos de fazer, modos de falar, crenças, valores, relações de poder – em suma, práticas – emergem no curso de sua atividade conjunta em torno desse empreendimento”⁴. Para Eckert e McConnell-Ginet, uma comunidade de práticas se organiza diferentemente do construto em torno da noção tradicional de comunidade de fala, já que as comunidades de práticas são simultaneamente definidas pelos membros e pelas práticas em que esses membros estão engajados, enquanto a comunidade de fala agrupa os usuários em torno do compartilhamento das regras e das normas para o uso da língua (Eckert; McConnell-Ginet, 1992).

Enquanto a sociolinguística, como a área dos estudos linguísticos que entende “o desenvolvimento de uma mudança linguística”, levando em conta “a vida social da comunidade em que ela ocorre”, e que tal processo de variação e mudança faz parte da heterogeneidade estruturada da língua (Labov, 2008[1972], p. 16; 21), a dialetologia é tomada como o “ramo dos estudos linguísticos que tem por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica” (Cardoso, 2010, p. 15). Acrescenta-se, ainda, com base em Coseriu (1982, p. 79), para quem a geografia linguística pode ser designada como

o método dialetológico e comparativo [...] que pressupõe o registro em mapas especiais de um número relativamente elevado de formas linguísticas (fônicas, lexicais ou gramaticais) comprovadas mediante pesquisa direta e unitária numa rede de pontos de determinado território, ou que, pelo menos, tem em conta a distribuição das formas no espaço geográfico correspondente à língua, às línguas, aos dialetos ou aos falares estudados.

Para essa proposta de Coseriu (1982), acrescentamos os sinais utilizados pela comunidade surda das localidades visitadas, ampliando, assim, aquele que pode ser, também, palco do interesse de áreas dos estudos linguísticos, como a sociolinguística e a dialetologia. Alguns estudos já vêm se dedicando à descrição da língua de sinais brasileira, e, com isso, pavimentando a estrada para a consolidação dos estudos nessa área de pesquisa.

Xavier e Barbosa (2017), por exemplo, objetivaram analisar a variação na realização concreta de seis itens lexicais (*brincar, farmácia, querer, normal, fusca e elevador*) por 12 sinalizantes surdos da cidade de São Paulo. As realizações por esses sinalizantes foram ana-

⁴ Tradução própria para o trecho “aggregate of people who come together around mutual engagement in some common endeavor. Ways of doing things, ways of talking, beliefs, values, power relations - in short, practices - emerge in the course of their joint activity around that endeavor”. Assumimos todas as falhas em torno da tradução.

lisadas com base na configuração de mão, localização, movimento, orientação, marcações não-manuais, número de mãos, atividade da mão não-dominante, contato, junta e morfologia. A anotação dos dados foi feita no ELAN, software que permite anotações sincronizadas com vídeo. As anotações tabuladas permitiram que os autores observassem 36 realizações para cada sinal analisado, o que permitiu identificar variantes e não variantes nas 216 produções (6 realizações x 3 repetições para cada realização x 12 participantes).

No geral, esses autores observaram que, para *brincar*, houve variação em três parâmetros: configuração de mão, movimento e nas marcações não-manuais. Para o sinal *querer*, foram observadas variações no movimento, na marcação não-manual e em seu número de mãos. Para *fusca*, sinalização com maior marca de variabilidade, houve variação inter e intra-sujeito na configuração de mão, localização, movimento, marcação não-manual, contato e estrutura morfológica. Para o item *farmácia*, houve variação sobretudo entre a configuração de mão e a marcação não-manual. O sinal *normal* foi expresso com presença de variação na movimentação, na configuração de mão e na localização. Por fim, o sinal *elevador* foi expresso envolvendo variação na configuração de mão, na orientação, na localização, na repetição do movimento, nas marcações não-manuais e na estrutura morfossintática. Esses autores explicam (p. 1002) que a realização concreta e variável dos sinais apresentados funcionam como “realizações possíveis e típicas dessa língua” e não comprometem a comunicação entre os usuários dessa forma de comunicação.

Junior (2011) e Costa (2021) parecem se aproximar de Xavier e Barbosa (2017), no que concerne à compreensão de que as formas variantes de expressar sinais em Libras seja a evidência de que essa língua passa por complexos processos de variação linguística estruturada. O primeiro analisou a variação lexical de seis termos da terminologia política brasileira (*lei, decreto, constituição, direito, direito coletivo e direito difuso*), enquanto o segundo objetivou elaborar material digital, bilíngue, acessível, com sinais-termo, do campo das ciências naturais, especificamente sobre os sistemas do corpo humano, com foco nos sistemas cardíaco, respiratório e reprodutor.

Junior (2011) realizou a pesquisa com 39 sinalizantes, que revelaram padrões distintos para a sinalização dos termos focalizados na pesquisa. Costa (2021), por sua vez, demonstra, em seu material denominado *Proposta Enciclopédica: EncicloSigno* em contexto, as formas variantes para a sinalização dos termos propostos, conforme se pode verificar no exemplar demonstrado abaixo.

Figura 2: Sinalização para a Estrutura do Coração

Termos	Sinais-termo	Morfemas-base	Morfemas-base conectados 1	Morfemas-base conectados 2	Configuração de Mãos
01 Aorta descendente				x	 
02 Apice do coração				x	 

Fonte: Costa (2021, p. 74).

O trabalho que aqui se desenvolve dialoga diretamente com essas duas últimas propostas, já que também se ocupa em analisar variação lexical em língua de sinais brasileira. Assim, será possível propor encaminhamentos para o estabelecimento de padrões de variação mais sólidos nos participantes da pesquisa produzida no âmbito da variedade maranhense da Libras, ampliando-se, sobremaneira, o número de participantes surdos, para que se estabeleçam padrões reveladores o mais próximo possível dos usos efetivos dos sujeitos que se comunicam nessa língua.

Vale destacar a necessidade de ampliação, cada vez mais, da produção de pesquisas que busquem descrever sociolinguisticamente a língua brasileira de sinais, a fim de se obter uma fotografia mais bem delineada dessa variedade linguística, associando-a aos estudos que discutem, por exemplo, o histórico do uso do termo Libras por pesquisadores nacionais de estudos surdos, comparativamente ao termo recorrentemente utilizado pela lei que regulamenta a Libras no país, de modo a construir uma historiografia dos estudos surdos no Brasil (Menezes, 2019), bem como aquelas pesquisas que analisam políticas linguísticas para a inclusão de surdos no ensino regular (Lacerda, 2006; Silva; Favorito, 2009; Muttão; Lodi, 2018).

O estudo aqui proposto contribui, assim, para dirimir um pouco mais essa lacuna. Nessa direção, propõe um método de trabalho que é melhor descrito no item a seguir.

Método da Pesquisa

O trabalho cujo desenvolvimento vem sendo apresentado busca trazer resultados para a variação na sinalização do item lexical *camaleão*, produzido por 8 surdos maranhenses, selecionados com base nas seguintes informações sociais: um homem e uma

mulher de cada uma das cidades analisadas neste estudo, a saber, São Luís, Raposa, São José de Ribamar e Paço do Lumiar; com idade entre 30 e 50 anos; surdos desde o nascimento e que fossem fluentes em Libras, ou seja, que sinalizem desde criança; e tenham contato com outros surdos desde a infância, durante o período de aquisição desse sistema linguístico. Em geral, os participantes desta pesquisa foram contactados via Centro de Apoio à Pessoa com Surdez – CAS. No que diz respeito à escolaridade, todos os oito participantes possuem ensino médio completo.

Evidencie-se o fato de que o Maranhão tem a variedade do seu português falado amplamente descrito (cf. Alves, 2015; Santos, 2015; 2020; Barbosa, 2016, entre outros), e, do ponto de vista da dialetologia, os trabalhos desenvolvidos pelo Atlas Linguístico do Maranhão - ALiMA (cf. Ramos; Bezerra; Rocha; 2005; 2006; 2010; Ramos et al, 2019) mostram a solidez de pesquisas baseadas nos dados coletados para a elaboração desse Atlas. Por outro lado, não se têm notícias de pesquisas nessa mesma proporção que deem conta da descrição da língua de sinais nesse Estado.

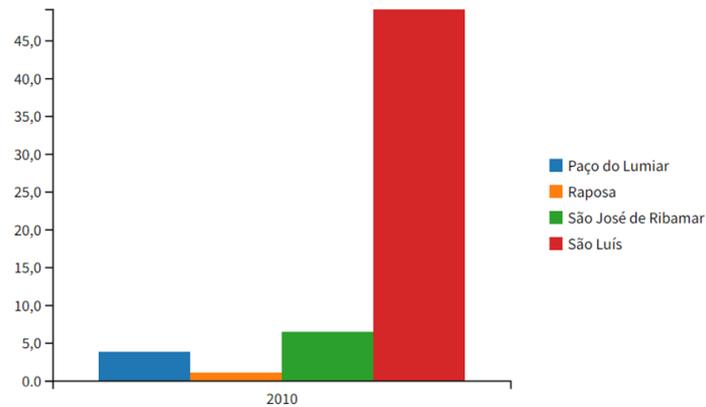
Diante disso, este trabalho contribui para a compreensão do sistema linguístico da Libras e do estudo da variação lexical na sinalização da comunidade surda presente nas cidades de São Luís, São José de Ribamar, Raposa e Paço do Lumiar. Ressalta-se que a escolha dessas cidades da região metropolitana da Ilha de São Luís, Maranhão, se dá pelo fato de possuir um considerável contingente de pessoas com deficiência auditiva (vide tabela 1 e gráfico 1, a seguir), ainda que se compreenda o fato de haver um grande número de indivíduos com surdez, esse quantitativo não se refere necessariamente à quantidade de indivíduos sinalizantes.

Tabela 1: Tabela do quantitativo populacional de pessoas com deficiência auditiva na região metropolitana da Ilha de São Luís

Divisões territoriais	2010
Paço do Lumiar	3.918
Raposa	1.150
São José de Ribamar	6.533
São Luís	48.972

Fonte: Adaptado do IBGE, Censo Demográfico 2010.

Gráfico 1: Gráfico populacional de pessoas com deficiência auditiva



Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010.

A escolha do item lexical *camaleão* deu-se pelo fato de não ter o registro deste sinal no dicionário da Língua de Sinais do Brasil: a Libras em suas mãos (Capovilla; Raphael; Temoteo; Martins, 2017), considerado nacionalmente basilar pelos usuários desta língua. Tal sinalização para o item lexical é, no entanto, registrada no Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais (Honora; Frizanco, 2011), conforme se verifica na figura 3. Assim, a justificativa para a análise desse item em questão baseia-se na compreensão de que importa verificar se os surdos participantes da pesquisa se aproximam do registro apresentado no Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais, ou se, de outro modo, apresentam diferentes maneiras de produção desse item lexical.

Figura 3: Sinal de *camaleão* do Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais



Fonte: Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais, 2011.

O item aqui analisado é parte de um trabalho mais amplo, que se interessa por catalogar os sinais produzidos por surdos maranhenses de diversos animais, a exemplo de cupim, sanguessuga, urubu e tamanduá. Para o caso específico do réptil focalizado neste

artigo, foi apresentado a cada um dos informantes a seguinte pergunta escrita em papel A4: “Qual animal que muda de cor de acordo com o lugar?”. Paralelamente à apresentação da pergunta escrita em papel, foi apresentada a imagem relativa ao animal em questão (vide figura 4, a seguir), para que cada informante respondesse com o sinal correspondente ao item lexical. A produção de cada sinal foi capturada por câmera de vídeo, para fins de análise.

Figura 4: Item lexical *camaleão* aplicada na coleta dos dados

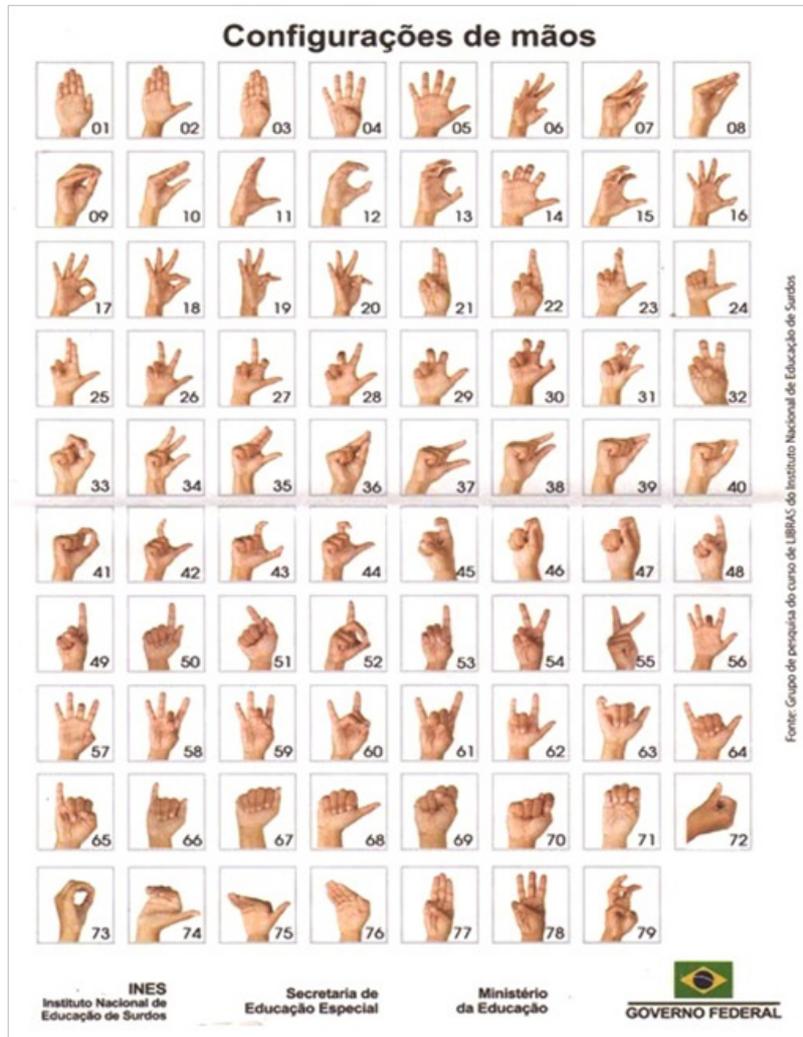


Fonte: Klima Naturali, 2012.

Para cada indivíduo surdo, informante da pesquisa, foi disponibilizado um termo de consentimento livre e esclarecido para ser assinado, permitindo a gravação e posterior análise dos sinais produzidos, garantindo, porém, a preservação de sua identidade. Tal explicação é necessária porque nenhum dos participantes autorizou a divulgação de sua imagem para os fins deste trabalho, de modo que a solução encontrada foi a de tentar replicar, o mais fidedignamente possível, a partir das gravações feitas, os sinais produzidos pelos participantes.

No que diz respeito à descrição dos dados, informa-se que o parâmetro adotado foi o da tabela com as configurações de mãos proposta pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES).

Figura 5: Conjunto de Configurações de Mãos proposto pelo INES



Fonte: Instituto Nacional de Educação de Surdos, 2013.

Uma vez detalhado o método da pesquisa, passa-se à apresentação dos resultados obtidos a partir da aplicação do questionário.

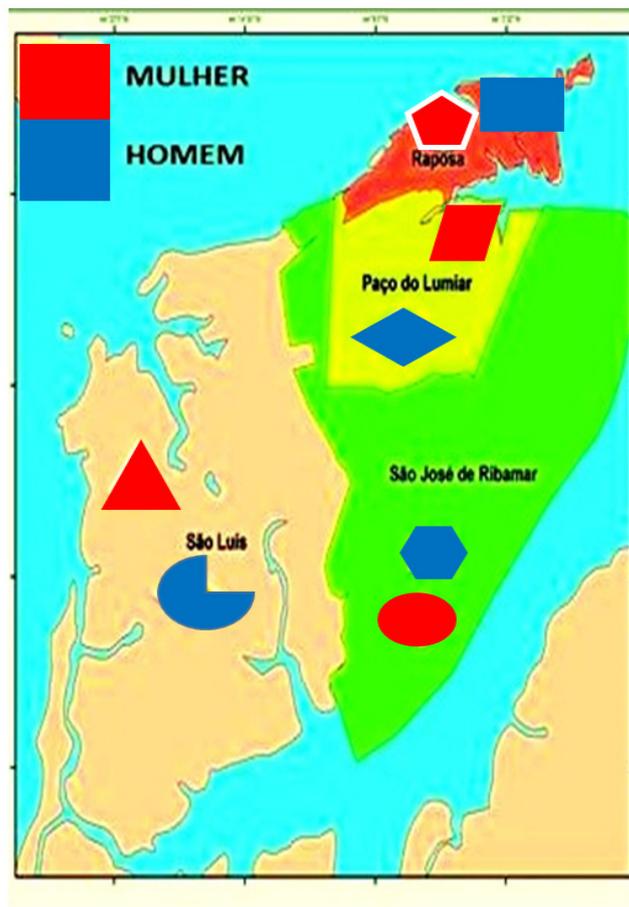
Resultados e Análises

Esta pesquisa busca identificar os sinais produzidos por oito sujeitos surdos, residentes na região metropolitana de São Luís, área que abrange a capital do Estado, além das cidades de São José de Ribamar, Raposa e Paço do Lumiar. O interesse na realização deste estudo é o de contribuir para a descrição da língua de sinais brasileira realizada no Maranhão.

Mediante a coleta dos sinais produzidos pelos surdos residentes das 04 regiões estudadas aqui, passou-se à análise do campo semântico, conforme a carta linguística abaixo. Cabe ressaltar que todos os informantes, sem exceção, souberam responder ao que foi pedido quando da aplicação do questionário.

Campo semântico: Animal ⇒ Camaleão.

Figura 6: Carta Linguística da distribuição dos dados por sexo/gêneros dos participantes



Fonte: elaborada pelos autores.

A ilustração da carta linguística acima revela que todos os participantes atribuíram sinais distintos para o mesmo animal. Tal informação não quer dizer que se esteja diante de variantes de uma mesma variável, nos termos de Labov (2008[1972]).

De fato, a quantidade mínima de participantes não possibilita o estabelecimento

de padrões na realização para *camaleão*, em Libras, mas leva ao questionamento de se as distintas referências são casos de “variantes de mais de uma palavra”, seguindo Xavier e Barbosa (2017, p. 1001), ou se se caracterizam como *classificadores*, isto é, as configurações de mãos, as quais funcionam como morfemas que expressam determinadas características de objetos em uma dada língua de sinais, como sugerem Quadros e Karnopp (2004).

Ainda que não seja possível avançar na definição de um ou de outro termo, destacam-se, a seguir, as distintas variantes produzidas pelos participantes das localidades investigadas. Além da sinalização feita pelos participantes, e reproduzida por outro pesquisador, as sinalizações são reproduzidas em vídeos que podem ser acessados por meio de *QR code*, disponibilizado ao lado da imagem de cada produção das variantes, clicando duas vezes sobre ele, ou fazendo a sua leitura do código, utilizando-se a câmera do celular.

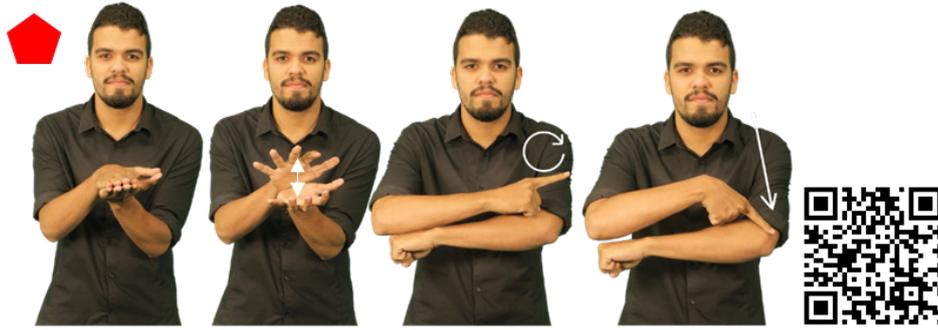
Variante 1



Variante 2



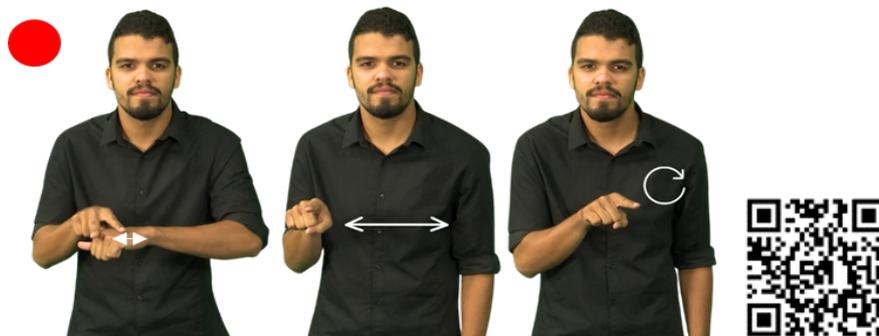
Variante 3



Variante 4



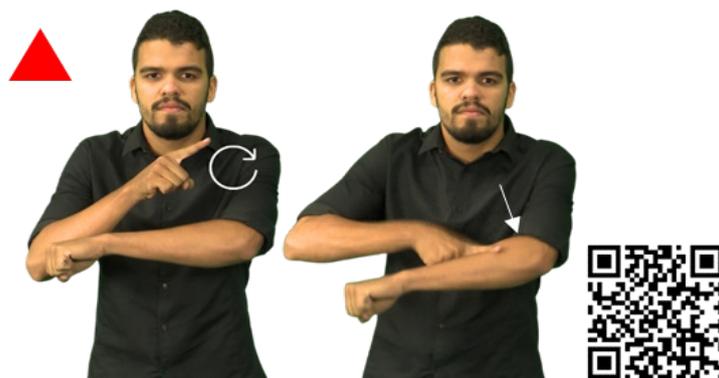
Variante 5



Variante 6



Variante 7



Variante 8



Nas variantes, os símbolos em azul referem-se às sinalizações feitas pelos homens, e, em vermelho, às sinalizações produzidas pelas mulheres. As formas geométricas significam as cidades em que as sinalizações foram coletadas: por exemplo, as formas em *paralelogramo* e *losango* significam que os dados são de Paço do Lumiar; as formas em *pentágono* e *retângulo* evidenciam os dados da cidade de Raposa; as formas em *círculo* e *hexágono*, por sua vez, mostram que os dados são de São José de Ribamar; por fim, as formas em *triângulo* e *pizza* significam que os dados são de São Luís.

Todas essas formas geométricas referem-se à produção da lexia *camaleão* nas cidades foco deste estudo, e mostram que, embora limítrofes geograficamente falando, os participantes das quatro cidades da região metropolitana de São Luís variam na forma de se referir ao animal em questão, o que leva às distribuições a seguir.

Glossário ⇒ **Campo Semântico:** Animal ⇒ **Sinal Coletado:** Camaleão.

Localidade: Paço do Lumiar

Informante: Feminino



Descrição do sinal: mão dominante e mão não dominante com configuração 05 (vide Instituto Nacional de Educação de Surdos) e orientação vertical para baixo, no espaço neutro à frente do corpo; em seguida, movem-se ambas as mãos com movimento semi-circular para frente alternadamente bem lento e com expressão facial de lentidão, demora.

Informante: Masculino



Descrição do sinal: mão não dominante com configuração 03 e orientação horizontal para o lado, localizada no espaço neutro à frente do corpo; mão dominante com configuração 45 acima do dorso da mão não dominante com orientação para baixo e direcionalidade para o lado, iniciando-se no dorso da mão e finalizando-se no antebraço; expressão facial neutra. Posteriormente, mão dominante com configuração 54, com orientação para baixo, localizada em frente ao queixo. Move-se a mão retilinearmente para frente e para trás repetidamente e, concomitante à expressão facial, utilizando-se a língua para frente e

para trás, acompanhando simultaneamente o movimento da mão. Em seguida, realiza-se o sinal de *verde* com configuração da mão não dominante 03, orientação horizontal para baixo, mão dominante com configuração 54 em cima do dorso da mão não dominante, com orientação para baixo e com movimento retilíneo para os lados.

Localidade: Raposa

Informante: Feminino



Descrição do sinal: Ambas as mãos com configuração 05, tocando-se pela palma de cada uma das mãos, localizadas à frente do corpo. Após, move-se a mão não dominante para baixo e a mão dominante para cima. Posteriormente, move-se a mão não dominante com configuração 69, localizada horizontalmente à frente do corpo; movimenta-se circularmente a mão dominante, acima do antebraço da mão não dominante. Todo o movimento é realizado com expressão facial neutra.

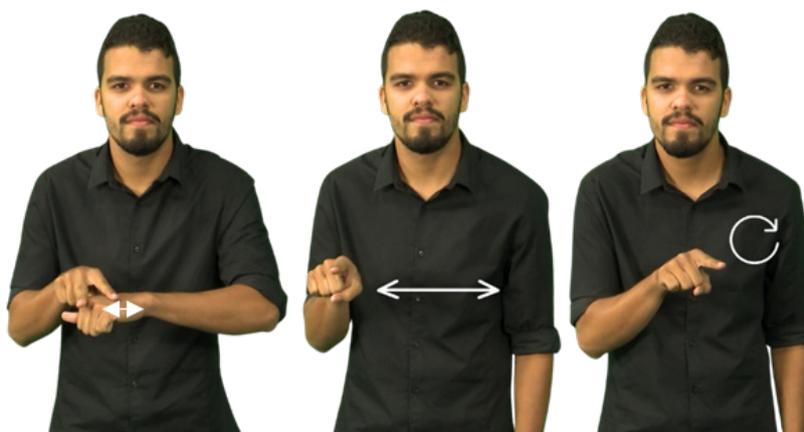
Informante: Masculino



Descrição do sinal: mão dominante em configuração 32, com orientação para baixo, movimento angular para frente, no espaço neutro. Após, realiza-se o sinal de **cor**, com a mão dominante em configuração 05, orientação para trás, localizada em frente a boca, tocando-se e balançando os dedos. Após, realiza-se o sinal de **vários**, com a mão dominante e mão não dominante em configuração 21, com orientação para trás, localizada no espaço neutro à frente do corpo. As mãos devem estar dispostas uma ao lado da outra. Em seguida, deve-se movê-las para os lados opostos, balançando-se os dedos. A sinalização é feita com expressão facial neutra.

Localidade: São José de Ribamar

Informante: Feminino



Descrição dos sinais: primeiramente, realiza-se o sinal para *verde*, com a mão não dominante com configuração 67, localizada horizontalmente no espaço neutro à frente do corpo e a mão dominante com configuração 54 em cima do dorso da mão não dominante. Em seguida, deve-se mover a mão dominante retilineamente para os lados. Logo após, posiciona-se a mão dominante na configuração 49, à frente do corpo, movimentando-a circularmente de um lado para o outro. A produção do sinal é feita com expressão facial neutra.

Informante: Masculino



Descrição do sinal: ambas as mãos em configuração 73 girando em frente aos olhos. Após, a mão não dominante é posicionada de acordo com a configuração 76, curvada, na horizontal, e a mão dominante em configuração 53, em cima do antebraço, fazendo-se um movimento reto até o cotovelo, e o dedo indicador com movimento angular.

Localidade: São Luís

Informante: Feminino



Descrição do sinal: mão não dominante com configuração 69 com orientação vertical para baixo no espaço neutro à frente do corpo e a mão dominante, em configuração 49, com orientação para baixo. Faz-se um único movimento circular com a mão dominante, e, logo após, procede-se com um movimento retilíneo para baixo e para cima tocando pontualmente o antebraço da mão não dominante. A expressão facial é neutra, quando da produção desse sinal.

Informante: Masculino



Descrição do sinal: mão dominante com a configuração 21 no espaço neutro à frente do corpo e com a orientação da palma da mão para frente. Move-se a mão dominante com direção para cima, em movimento angular. A expressão facial é neutra.

As descrições feitas até aqui revelam a multiplicidade de sinais produzidos pelos sujeitos surdos participantes da pesquisa em questão, no que diz respeito à variação lexical em Libras. Mostram a diversidade presente no sistema heterogêneo mas ordenado dessa língua, comprovando que a língua de sinais sofre a influência da variabilidade intra e inter-falantes, como propõem Xavier e Barbosa (2017).

Nos casos aqui analisados, observa-se variação quanto à configuração de mão, bem como quanto aos movimentos realizados. No que diz respeito aos informantes da cidade de Paço do Lumiar, observa-se que a configuração de mão da informante é a configuração 05, enquanto a do informante são as configurações 03, 45 e 54 na realização deste sinal. Quanto ao parâmetro movimento, a informante possui movimento semicircular e o informante o realiza com movimento retilíneo.

Para os informantes da cidade de Raposa, considera-se que, enquanto a mulher produz o sinal para *camaleão*, configurando a mão nas posições 05 e 69 na produção deste sinal, movimentando-a circularmente e retilineamente, o homem, por sua vez, o realiza com configuração de mão em 32, 05 e 21, com movimento angular e retilíneo.

Por sua vez, em São José de Ribamar, a informante produz o sinal para *camaleão* com a configuração da mão em 67, 54 e 49, enquanto o homem utiliza as configurações 73, 76 e 53. No que tange ao movimento, a informante produz o sinal para o item em

questão com movimento retilíneo e circular, enquanto o informante o realiza com movimento retilíneo.

Em São Luís, de certa maneira, a descrição da sinalização feita pelos dois informantes participantes da pesquisa parece corroborar as diferenças entre homens e mulheres. No caso dos primeiros, na capital maranhense, o informante sinaliza *camaleão* com configuração da mão 21, com movimento angular, enquanto, para o caso da mulher, a informante faz referência ao mesmo animal por meio da sinalização que considera a configuração da mão em 69 e 49, com movimento circular e retilíneo.

De modo geral, todos os informantes coincidem na realização do sinal para referir a *camaleão* quando recrutam o mesmo sinal utilizado para produzir o verbo *mudar*, conforme descrito no dicionário da Língua de Sinais do Brasil: a Libras em suas mãos (Capovilla; Raphael; Temoteo; Martins, 2017), o que pode ser explicado pelo fato de que os informantes compartilham a compreensão de que uma das características desse tipo de réptil é a sua mudança de pele.

De modo geral, esses resultados apontam para o fato de que são bem distintas as sinalizações existentes entre os oito informantes participantes desta pesquisa, o que impede, de um lado, que se afirme tratar-se de uma caracterização própria das localidades investigadas, mas permite sustentar, por outro lado, que os indivíduos possuem conhecimento profundo do seu sistema linguístico, a ponto de recorrerem a diversas possibilidades de referência aos fatos linguísticos. Destacam-se, aqui, os resultados obtidos por Xavier e Barbosa (2017, p. 1001) para o item lexical *elevador*. Nesse caso específico, os autores observaram que havia um alto grau de variabilidade na sinalização desse item entre os paulistanos surdos. Eles explicam que o alto grau de variabilidade sofrido na sinalização para o mesmo item lexical pode sugerir um indício de que as diferentes sinalizações feitas representam mais do que variantes de uma mesma variável, mas, na verdade, podem referir-se “a variantes de mais de uma palavra que, sinonimamente, expressam o conceito *elevador* nessa língua” [grifos originais].

A solução para a definição do que de fato representa a alta variabilidade encontrada, de modo a explicar o funcionamento dos diferentes sinais produzidos para o mesmo item lexical como variantes de uma mesma variável, acrescentam os autores, é que sejam observados, paralelamente ao elemento linguístico em foco, a configuração e o movimento das mãos durante a produção desses sinais, bem como seja recrutada uma quantidade de informantes que seja representativa da comunidade a ser analisada.

À pesquisa aqui apresentada, as orientações de Xavier e Barbosa (2017) são bastante adequadas, uma vez que, como se observa, o número de participantes revela, por um lado, o alto grau de variabilidade de sinais para o mesmo item lexical, mas, ao mesmo tempo, não permite que sejam estabelecidos maiores padrões de uso dessas formas. Azevedo (2023, ms) vem trabalhando no sentido de ampliar sua amostra, a fim de verificar a sistematicidade na heterogeneidade da língua de sinais brasileira, em sua variedade maranhense.

Por outro lado, pode-se pensar como Quadros e Karnopp (2004), para quem o sistema de *classificadores* é representativo do léxico nativo da Libras. Esses classificadores estariam, para essas autoras, profundamente envolvidos na formação lexical da Libras, fortemente favorecidos pela modalidade espaço-visual própria da língua de sinais. Tal definição parece envolver, de qualquer modo, o mesmo desafio que se impõe para definição de variantes de uma mesma variável, qual seja a análise de uma quantidade maior de dados, bem como um maior número de participantes na pesquisa proposta.

Considerações Finais

O trabalho aqui desenvolvido traz aspectos de variação lexical na sinalização de 8 sinalizantes, residentes na região metropolitana de São Luís, e, a despeito do campo semântico selecionado para ser apresentado, este estudo evidencia o fato de existirem variações lexicais em diferentes municípios, mesmo tão próximas, dentro de uma mesma região do Estado, e que, ainda assim, essa variação é passível de ser padronizada, em virtude de os oito participantes compartilharem nuances nas sinalizações que não permitem afirmar se tratar de variantes de uma mesma variável, no sentido proposto por Labov (2008[1972]), no entanto, revelam o profundo conhecimento que os usuários da língua possuem de seu sistema linguístico.

No que diz respeito ao sexo dos informantes, evidenciam-se nos resultados que as mulheres e os homens apresentaram, cada um, 4 sinais variantes para se referirem ao mesmo item lexical. Esses resultados se coadunam com as discussões levantadas por Junior (2011) e Costa (2021), ao mostrarem que os sujeitos surdos se comunicam, ainda que os sinais se diferenciem em seus detalhes.

Conforme a figura 3, sinal de *camaleão*, extraído do livro ilustrado de Língua Brasileira de Sinais (Honora; Frizanco, 2011), é possível considerar se tratar do mesmo sinal utilizado para produzir *mudar*, conforme o dicionário da Língua de Sinais do Brasil: a Libras em suas mãos (Capovilla; Raphael; Temoteo; Martins, 2017), o que pode ser

explicado pelo fato de os informantes compartilharem a compreensão de que uma das características desse tipo de réptil é a sua mudança de pele.

Outro aspecto importante a ser destacado diz respeito ao fato de que todos os sinais realizados pelos informantes surdos residentes das cidades investigadas, para o mesmo item lexical, fazem referência às características físicas do item lexical investigado, o que pode revelar um indício de que os sinais possuem motivações diferentes para designar o mesmo valor de verdade, fato este explicado pela quantidade de variantes do mesmo item lexical. Para tanto, reafirma-se, cabe a ampliação na quantidade de participantes para melhor definir tal proposição.

Por fim, mas não menos importante, espera-se que este estudo contribua para a percepção de que a língua de sinais possui uma heterogeneidade passível de ser ordenada, de modo a consolidar a compreensão a respeito da complexidade dessa língua e da necessidade de ser ela alvo da sociolinguística, cujo entendimento sobre as informações sociais dos usuários da língua importam para explicar o uso de diferentes sinais linguísticos para se “dizer” o mesmo referente, em todos os níveis linguísticos.

Referências

ALVES, Cibelle Corrêa Béliche. *Pronomes de segunda pessoa no espaço maranhense*. 2015. 152 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

AZEVEDO, Renan Pires. *A cartografia dos sinais: um estudo sociolinguístico da Língua Brasileira de Sinais em São Luís e Bacabal – MA*. Projeto (Mestrado em Letras) apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Letras de Bacabal da Universidade Federal do Maranhão, 2023, ms.

BARBOSA, Alana B. *A indeterminação do sujeito no falar ludovicense*. 122f. Dissertação (Mestrado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras/UFPR, Curitiba, 2016.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 25 de abril de 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm. Acesso em: 1 maio 2023.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial da União, Brasília, 23 de dezembro de 2005. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 1 maio 2023.

CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkiria Duarte; TEMOTEO, Janice Gonçalves; MARTINS, Antonielle Cantarelli. *Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas mãos*. 3 volumes. São Paulo, SP: Editora da Universidade de São Paulo, 2017.

CARDOSO, Suzana Alice. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

CARDOSO, Suzana Alice. Dialetologia. In: MOLLICA, Maria Cecília; JUNIOR, Celso Ferrarezi. *Sociolinguística, Sociolinguísticas: uma introdução*. São Paulo: Editora Contexto, 2016.

CHOMSKY, Noam. *Aspectos da Teoria da Sintaxe*. Coimbra: Sucessor, 1975.

COELHO, Izete L.; GÖRSKI, Edair M.; NUNES de SOUZA, Christiane M. N; MAY, Guilherme. H. *Para conhecer sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2015.

COSERIU, E. A Geografia Linguística. In: COSERIU, E. *O homem e sua linguagem*. Trad. de Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira. Rio de Janeiro, Presença/São Paulo, Universidade de São Paulo, 1982.

COSTA, Messias Ramos. *EncicloLibras: produção sistematizada de sinais-termo em língua de sinais brasileira em novos eixos temáticos - LSB e LGP* (“Proposta Enciclopédica: EncicloSigno em contexto”). 198f. Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade de Brasília. Brasília, 2021.

ECKERT, Penelope; MCCONNELL-GINET, Sally. Communities of practice: where language, gender, and power all live. *Language and Gender*. Cambridge University Press, 1992.

GUMPERZ, John. J. The Speech Community. In: GIGLIOLI, PIER P. (ed.). *Language and Social Context*. Harmondsworth: Penguin, 1972. p. 219-231.

HONORA, M.; FRIZANCO, Mary L. E. *Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais: desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez*. Vol. 3. São Paulo: Ciranda Cultural, 2011.

HYMES, Dell H. *Foundations in sociolinguistics: an ethnographic approach*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1974.

JUNIOR, Glaucio de Castro. *Variação linguística em língua de sinais brasileira: foco no léxico*. 123f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Linguística - Universidade de Brasília. Brasília, 2011.

LABOV, William. *Padrões Sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008[1972].

LACERDA, Cristina Broglia F. de. A inclusão escolar de alunos surdos: o que dizem alunos, professores e intérpretes sobre essa experiência. In: *Cad. Cedes*, Campinas, vol. 26, n. 69, p. 163-184, maio/ago. 2006.

LUCAS, Ceil. *The Sociolinguistics of Sign Languages*. Cambridge University Press: Cambridge/UK, 2004.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Mudança Linguística: uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011.

MENEZES, Ronny Diogenes. Libras: uma reflexão a respeito do histórico de uso do termo. In: *Revista Educação, Artes e Inclusão*, vol. 15, n° 2, abr-jun, 2019, p. 125-144.

MUTTÃO, Melaine Duarte Ribeiro; LODI, Ana Claudia Balieiro. Formação de professores e educação de surdos: revisão sistemática de teses e dissertações. *Psicol. Esc. Educ.*, Maringá, v. 22, 2018, p. 49-56.

PERLIN, Gladis. Identidades Surdas. In: SKLIAR, Carlos (Org.). *A Surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998.

QUADROS, Ronice M. O “Bi” em bilinguismo na educação de surdos. In: LODI, Ana Cristina B.; LACERDA, Cristina Broglia F. (Org.). *Uma escola, duas línguas: letramento em língua portuguesa e Língua de Sinais nas etapas iniciais de escolarização*. 3ª edição. Porto Alegre: Mediação, 2012, pp. 187-200.

QUADROS, Ronice M. de; KARNOPP, Lodenir. *Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos*. ArtMed: Porto Alegre, 2004.

RAMOS, Conceição de Maria de Araujo; BEZERRA, José de Ribamar Mendes; ROCHA, Maria de Fátima. *O português falado no Maranhão: estudos preliminares*. São Luís: EDUFMA, 2005.

RAMOS, Conceição de Maria de Araujo; BEZERRA, José de Ribamar Mendes; ROCHA, Maria de Fátima. *A diversidade do português falado no Maranhão: o atlas lingüístico do Maranhão em foco*. São Luís: EDUFMA, 2006.

RAMOS, Conceição de Maria de Araujo; BEZERRA, José de Ribamar Mendes; ROCHA, Maria de Fátima. *O português falado no Maranhão: múltiplos olhares*. São Luís: EDUFMA, 2010.

RAMOS, Conceição de Maria de A et al (Orgs.). *Estudos sociodialetais do Estado do Maranhão*. São Luís: EDUFMA, 2019.

SANTOS, Wendel Silva dos. *A morfologia do indicativo na expressão do modo subjuntivo em São Paulo e São Luís*. 140f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

SANTOS, Wendel Silva dos. *Percepções sociolinguísticas acerca da variação subjuntivo/indicativo em São Luís e São Paulo*. 240f. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

SILVA, Ivani Rodrigues; FAVORITO, Wilma. *Surdos na escola: letramento e bilinguismo*. Campinas: Rever, 2009. (Coleção Linguagem e Letramento em Foco).

STOKOE, W. *Sign Language Structure: An Outline of the Visual Communication Systems of the American Deaf*. Studies in Linguistics: Occasional Papers, 8, Washington, DC: Gallaudet University Press, 1960.

XAVIER, André Nogueira; BARBOSA, Felipe Venâncio. Variabilidade e estabilidade na produção de sinais da Libras. *Domínios de Linguagem*. vol. 11, nº 13. Uberlândia. jul-set. 2017, p. 983-1006.

